

# CADERNO DE RESUMOS



**semana de LETRAS** CESP-UEA

**O Ensino de Língua e Literatura:**

os desafios do ensino remoto no Baixo Amazonas

**02 a 06 de maio de 2022**

**PARINTINS – AM**



*Colégio de Letras*

*Latinitates*  
Plataforma de Estudos Clássicos

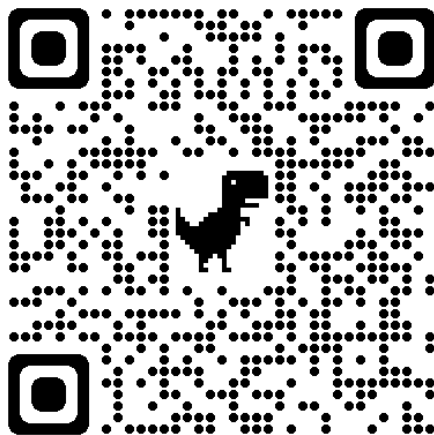
**UEA**  
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS

Weberson Fernandes Grizoste  
(Org.)

# CADERNO DE RESUMOS DA XIII SEMANA DE LETRAS

<https://letrascesp.weebly.com/>  
[https://www.youtube.com/channel/UC1EGzq\\_QuCzbb61jzIVLFmg](https://www.youtube.com/channel/UC1EGzq_QuCzbb61jzIVLFmg)

ISBN: 978-65-00-44606-7



QR Code do Canal no YouTube

Universidade do Estado do Amazonas  
Centro de Estudos Superiores de Parintins  
Colegiado de Letras

Parintins – AM

2022

## A MULHER MONSTRO E A MULHER MONSTRUOSA NO MITO GRECO-LATINO

Sueane Simas Picanço [UEA]

Weberson Fernandes Grizoste [UEA]

Este artigo é de caráter bibliográfico e tem como objetivo analisar as personagens dos mitos greco-latino diferenciando as circunstâncias trágicas que transformou o feminino monstruoso e feminino monstro. Após identificar as causas que as tornaram em monstros e monstruosas, teremos uma desconstrução da visão estereotipada em torno das personagens. O estudo permite conhecimento sobre a mitologia greco-latina e o estudo sobre o feminino na literatura clássica.

**Palavras-chave:** Mitos. Feminino. Monstros. Monstruosidade. Análise.

### INTRODUÇÃO

A mitologia greco-latina está repleta de mitos com personagens femininas que, por circunstâncias trágicas, tornaram-se monstruosas, também aquelas que por natureza são monstros. Estas personagens, mesmo quando centrais, tendem a ser vistas de forma desprezível por parte do leitor descuidado; e as razões, as motivações dessas personagens tendem a ser ignoradas. É o caso de Medeia, por exemplo, o impacto de uma mãe filicida é suficiente para fazer o leitor esquecer da «esposa abandonada em terra estrangeira». Este estudo busca diferenciar o feminino monstro da mulher monstruosa; e ao mesmo tempo, analisar as circunstâncias trágicas responsáveis por sua metamorfose. Para tal intuito, selecionou-se os mitos da Medeia, Medusa e as Sereias e a desconstrução da visão estereotipada em torno dessas personagens.

### METODOLOGIA

A motivação desse trabalho origina-se de uma pesquisa, em andamento, que objetiva ser o Trabalho de Conclusão de Curso. Também é parte de um estudo voluntariado elaborado no âmbito de uma Iniciação Científica. A metodologia da pesquisa é essencialmente bibliográfica. Após a escolha do tema, formulou-se um plano provisório, buscou-se as fontes teóricas, procedeu-se a leitura e fichamento do material e por fim, a organização lógica do assunto. A base teórica, no âmbito do mito, parte de Thomas Bulfinch, P. Commelin, Mircea Eliade, Everardo Rocha e K. K. Ruthven; para distinguir a mulher monstro da mulher monstruosa usamos Júlio Jeha, José Gil e Jeffrey Jerome Cohen.

## FUNDAMENTAÇÃO TEÓRIA

Os mitos sobreviveram como relatos orais passados de geração em geração até o surgimento da escrita. Mas o que é o mito? Segundo Eliade (1986, p.12), “o mito é uma realidade cultural extremamente complexa, que pode ser abordada e interpretada em perspectivas múltiplas e complementares”. Assim, o mito funciona como um elemento aberto, cujo todos podem contribuir desde que respeitando a sua integridade original, como celebra Ruthven (2010, p.74): “o mito é um processo aberto; uma obra literária é um produto fechado. Todos podem contribuir com um pedacinho para o mito, mas são obrigados a respeitar a integridade original de um poema ou peça”. Esse fato pode ser observado nas diferentes versões de Medeia ou de Medusa, cada qual apresenta elementos distintos, inovadores; mas estes elementos não interferem na essência original e primitiva do mito. De acordo com Rocha (1996, p. 1):

O mito é uma narrativa. É um discurso, uma fala. É uma forma de as sociedades espelharem suas contradições, exprimirem seus paradoxos, dúvidas e inquietações. Pode ser visto como uma possibilidade de se refletir sobre a existência, o cosmos, as situações de “estar no mundo” ou as relações sociais.

Para Adorno e Horkheimer (1985, p. 23) “o mito queria relatar, denominar, dizer a origem, mas também expor, fixar, explicar. (...). Muito cedo deixaram de ser um relato, para se tornarem uma doutrina.” Assim, “o mito converte-se em esclarecimento” (*idem* p.24), e o peso do esclarecimento foi comparado, por Adorno e Horkheimer, ao poder de um ditador diante de seus homens. Nesse ponto, busca-se, nessa pesquisa, encontrar o discernimento do caráter antimitológico que está na própria base telúrica dos mitos aqui selecionados.

Cabe diferenciar a «mulher monstro» da «mulher monstruosa». A «mulher monstro» sofre uma metamorfose do corpo e da alma; a «mulher monstruosa» sofre apenas da alma. Medeia não perde a figura humana, já Medusa e as Sereias apresentam uma mudança no próprio corpo que passa a ter características humanas e animais. “As sereias são representadas ora com uma cabeça de mulher e um corpo de pássaro, ora com o busto de uma mulher e a forma de ave, da cintura aos pés” (Commelin, 2011, p.124); as variações do mito dão conta que as Sereias tinham nascido em forma humana e só adquiriram essa forma por ocasião do rapto de Prosérpina. Mais adiante Commelin recorda que não há um só autor antigo

que tenha representado as Sereias como «mulheres-peixes»; e de fato a narrativa de Homero não o diz (*Od.* 12.37-54; 184-207). Medusa tinha sido moça de surpreendente beleza, e seu maior atrativo era a cabeleira. Minerva transformou Medusa em um monstro quando esta ousou confrontá-la em sua beleza. Irritada, a deusa “transformou em medonhas serpentes os belos cabelos de que Medusa se gabava e deu a seus olhos a força de converter em pedra todos os que fitavam” (Commelin, 2011, p.125). Como se pode ver, a mulher monstro não tem aspecto humano na aparência física, mas ao mesmo tempo não escapa desse aspecto humano; tal como afirma Gil (1994, p. 14) “os monstros são-lhe absolutamente necessários para continuar a crer-se homem. No entanto, o monstro não se situa fora do domínio humano: encontra-se no seu limite.” E ainda segundo Robles (2019, p.89):

Nesse universo de monstros e personagens noturnos, as Górgonas representam uma forma de auxiliar da luta dos filhos da Terra contra o poder incontido dos deuses. (...) Reinterpretadas ao longo do tempo, evocam as deformações da consciência consideradas em psicanálise, pulsões pervertidas: sociabilidade, sexualidade e espiritualidade.

Quanto a Medeia, é boa a observação de Robles (2019, p.117), “a vida de hoje, semeada como se encontra de tragédias e de comicidade, nos impede de ver” a Medeia em sua «dimensão de mulher». Medeia é uma verdadeira potência contra a determinação dos deuses, prefere a dor, o enfrentamento a render-se a fatalidade. Na *Medeia* de Eurípedes, entre os versos 213-285 vê-la se queixar da condição de estrangeira, da condição de mulher, a quem considera ser o «ser mais infeliz» do mundo, questiona a instituição do dote e considera-o como um ato de «comprar um marido», questiona as fadigas domésticas e afirma preferir ia três vezes ao campo de batalha a ter que parir uma única vez. Mas, isso tudo escapa aos olhos do público, pois a «esposa abandonada em terra estrangeira» comete, nas palavras de Robles (2019, p. 128) “uma das vinganças mais cruéis de que se tem notícia”, o «filicídio» mais famoso da antiguidade.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com a investigação, se percebeu que as transformações do feminino «monstro» e do feminino «monstruoso» ocorreram por metamorfose do corpo e da alma – no caso da «mulher monstruosa», apenas da alma – ocasionada por acontecimentos do meio social em que

essas mulheres viveram. Como fica comprovado, o mito é uma narrativa, um discurso, uma forma de uma sociedade expressar seus paradoxos, dúvidas e inquietações. Nas entrelinhas dos mitos selecionados, encontramos críticas à sociedade da época e discursos latentes nas entrelinhas.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADORNO, Theodor W. **Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- BULFINCH, Thomas. **O livro da mitologia: histórias de deuses e heróis: (a idade da fábula)**. Trad. Luciano Alves Meira. São Paulo: Martin Claret, 2006.
- CARDOSO, Zelia de Almeida. **Estudos sobre as tragédias de Sêneca**. São Paulo: Alameda, 2005.
- COHEN, Jeffrey Jerome. “A cultura dos monstros: sete teses”. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Pedagogia dos monstros: os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- COMMELIN, P. **Mitologia grega e romana**. ; Trad. Eduardo Brandão. Editora WMF Martins Fontes, 2011
- ELIADE, Mircea. **Aspectos do mito**. Trad. Manuela Torres. Lisboa: Edições 70, 1986.
- GIL, José. **Monstros**. Trad. José Luís Luna. Lisboa: Relógio D’Água, 2006.
- HESÍODO. **Teogonia**. Trad. Christian Werner. São Paulo: Hedra, 2013.
- HOMERO. **Odisseia**. Trad. Frederico Lourenço. Lisboa: Cotovia, 2010.
- RUTHVEN, K. K. **O Mito**. Tradução de Esther Eva Horivitz. – São Paulo: Perspectiva, 2010.
- MOREIRA, Andreia Mariza Ferraz. “Pro Medeia” **A inocência da Princesa Sequeniana e Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra**, 2009, p. 3-125
- NAZÁRIO, Luiz. **Da natureza dos monstros**. São Paulo: Arte e Ciência, 1998.
- NOGUERA, Renato. **Mulheres e deusas: como as divindades e os mitos femininos formaram a mulher atual**. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2017.
- ROBLES, Martha. **Mulheres, mitos e deusas**. Trad. por William Lagos, Débora Dutra Vieira. São Paulo: Aleph, 2019.
- ROCHA, Everardo. **O que é mito**. São Paulo: Hedra, 2017.

